

Encontro com minha avó

Não faz frio nem calor. Não choveu e não há vento. Apenas o clima de São Paulo, único, com o qual nós aqui nascidos já nos acostumamos.

Não é noite; é somente um final de tarde com seus últimos raios solares. Talvez alguma coisa morna, que se aproxima lentamente.

Quem sabe mais tarde, as estrelas e a lua crescente serão vistas daqui da Rua da Consolação, região central da cidade.

Acho que é Outono de 2005.

Estou perto da casa, ou melhor, junto ao galpão (que hoje serve de estacionamento) construído no local onde outrora minha avó materna, dona Virgínia Alvarenga, morou - parece que antigamente era uma vila: nº 343, casa 5. Engraçado tratá-la de “dona”, mas era hábito, um hábito respeitoso, acima de tudo. Coisa perdida atualmente. Não sei dizer se isso foi bom ou não.

Há silêncio por aqui, e entrei numa pequena padaria, parecendo mais com uma lanchonete, tanto faz, o importante é que parei para tomar café com leite e comer pão com manteiga.

Se fosse há muitos anos atrás, eu poderia ter feito esse lanche (só que mais completo e caprichado) na casa da minha avó, juntinho a ela, que sequer conheci. Infelizmente, muito infelizmente...

Não tenho fotografias da casa onde morou minha avó, ou de seus familiares, portanto também meus. Que pena! Os detalhes me fariam bem: Ver os móveis, a decoração, os ambientes...

Da vovó tenho um único retrato onde se percebe sua aparência simples, com ligeiro sorriso de bondade estampado no rosto. Ela está sentada na entrada da casa junto com suas plantas; provavelmente adoentada, obesa e cansada. Entretanto demonstra serenidade e resignação, como quem tem a certeza da missão cumprida, após ter ficado viúva duas vezes e criado treze filhos!

Deve ter sofrido com diversas doenças, pois faleceu nova: apenas 66 anos. Teve uma crise de uremia seguida de colapso cardíaco. Está sepultada no cemitério da Consolação, aqui pertinho. Seu túmulo é simples, sem ostentação. Repousa em paz.

Somente eu estou sentado junto ao balcão da lanchonete, quase vazia nesse horário (não é habitual). O meu café chegou logo, e eu nem quis lavar as mãos. Vai de guardanapinho mesmo, eu pensei. Fecho os olhos, mastigo com calma, bebo um gole do leite, e deixo o pensamento fluir como se eu estivesse passando por um transe, e imagino aquele fantástico encontro e café de final de tarde juntinho com ela...

... Cheguei sem fazer muito barulho, empurrei o velho portãozinho de ferro, que rangeu anunciando a minha presença.

Passei por um pequeno corredor cheio de plantas (algumas eu sabia que chamavam samambaias, até as grandes, de metro, porém eu teimava em chamar de sabambaias) e continuei, driblando os ladrilhos hidráulicos, que mesmo esmaecidos, deixavam ver um bonito mosaico, contrastando com a parede descascada em muitos pontos, expondo os enormes tijolos da antiga construção. Alguns deles, junto ao rés do chão, estavam

esverdeados da constante umidade, servindo de "alojamento" para outras minúsculas plantas. Formigas vagavam apressadamente por ali, trilhando caminho para um buraquinho. Para onde iriam elas?

Havia ainda um carregado pé de pitanga (refeição para os passarinhos habituais), e junto à porta de madeira, totalmente desbotada, de cor indefinida e descascada no rodapé, um vaso de barro reunia diversas plantas: espada de São Jorge, guiné, arruda, alecrim e comigo-ninguém-pode, protegendo a casa contra mau olhado. Minha mãe também tinha um vaso com essas plantas, mas era bem menor, eu até conseguia arrastá-lo para ver se na parte de baixo não haviam lesmas grudadas, aí, então eu jogava sal para vê-las morrer. Quanta maldade! (maldadezinha infantil, perdoem...)

Escondidos por lá eu sempre achava os tatus-bolinha e mexia neles para vê-los se enrolar. Fazia aquilo por brincadeira, não matava.

Esse cenário exalava um cheiro característico de... de quintal! De quintal de casa pobre, onde tudo se mistura e em nada se transforma. Um cheiro que machuca, machuca mesmo!

Cada vez que respiramos, esses aromas mesclados (quase sempre ao acaso) nos enlaçam e jogam no passado, sem perguntar se queremos ou não voltar. Quando percebemos, já estamos lá, após imediata viagem.

Ouso dizer, baseado em experiências de amigos, falando sobre as casas dos seus antepassados, que esse é um cheiro característico de "casa de avó". Das avós de priscas eras. Espero, de coração, que as da atualidade não tenham alterado muito seu comportamento, seu modo de ser, afinal, não podem perder essa aura que envolve

tão importante e sagrado nome, lembrando sempre da Santa Ana mestra, a avó de Jesus Cristo, a avó que ensina, orienta, e jamais bate!

... Levantei o suspensório, já gasto e esgarçado, que prendia minha calça curta; fechei a mão e bati à porta, sem obter resposta. Tentei novamente, agora com a mão espalmada, e tudo continuou silencioso. Bati mais uma vez, trepei numa saliência entre os tijolos, olhei pela janela e chamei: - Vó, sou eu!

De dentro ouvia-se alguém cantando calmamente; música que aumentava de intensidade... Ótimo! Era minha avó. Ela estava em casa.

Não demorou muito e a porta se abriu, também rangendo.

Para minha felicidade pude vê-la com um sorriso no rosto, enquanto esticava os braços pra mim. Trajava um desbotado vestido florido, casaquinho azul-marinho com botões grandes, e o cabelo quase todo branquinho, preso em coque.

- Posso entrar, vó?
- Pode, minha riqueza, aqui você pode tudo, até sonhar...

Recebi um longo abraço e um beijo na testa, e retribuí, beijando sua mão.

- Bênção, vó!
- Deus te abençoe, meu anjo...

Ela sempre me chamou de anjo. E eu gostava. Imediatamente eu lembrava do quadrinho pendurado na cabeceira da minha cama, onde se via um casal de crianças: Ela toda vestida de azul e ele com calça marrom e camisa branca. A menininha parecia correr atrás da

bola, no que seria um bosque, e acompanhando-os, a maravilhosa e cândida figura do anjo: grande, vestido de rosa e verde, asas abertas, cuidando dos inocentes. Antes de dormir eu passava a mão na imagem e rezava. Não lembro as orações, mas eu as fazia com gosto, e de certa forma compenetrado. Minha mãe sempre estava presente nesses pensamentos, talvez por eu ser muito agarrado a ela, ou por ela ter um problema dermatológico nas mãos – que felizmente foi curado, após 38 anos de sacrifícios e padecimento. Talvez um pequeno milagre.

Então entrei...

Tirei respeitosamente meu boné branco (encardido de tanto colocar e tirar), e cruzei a sala com poucos móveis. Apenas um olhar de soslaio para ver junto à janela, a cadeira de balanço – que eu tanto gostava – portando agora um cobertorzinho de lã (acho que era lã) azul claro. Vi um grande quadro do Coração de Jesus, com a moldura de madeira entalhada e dourada. Fiz o sinal da cruz, e percebi que minha vó Virgínia vinha logo atrás, porque seus passos pesados fizeram o piso de madeira estalar em alguns pontos, evidenciando a presença do porão, do qual eu tinha medo. Contudo, sabia que quando crescesse, eu desvendaria os mistérios daquele lugar. Seria bom para brincar de esconder e procurar mais insetos para a minha coleção. Talvez eu descobrisse o local do formigueiro, e poderia xeretar por lá à procura de alguma coisa antiga. Meus irmãos já tinham entrado, mas faziam mistério sobre as tralhas encostadas lá dentro; era de propósito para me assustar (que bobos!) dizendo que aquilo não era da minha conta e que eu era muito curioso.

Uma pilha de jornais repousava esquecida junto à cadeira de balanço. Eu sabia que vovó gostava de ler, e lia bastante. Quando crescer eu também vou ler os jornais, assim vou saber de todas as coisas que acontecem. Não dizem que sou curioso? Pois bem, então vou ser mais ainda. E vou mais além: vou trazer jornais e revistas diferentes para cá. Ela vai adorar! Mas não contem agora, porque isso vai ser surpresa pra ela.

Sobre um móvel, do qual eu não sabia o nome, havia um rádio bem grande ligado no que deveria ser a ladainha da Ave-Maria. Ela prontamente desligou. Gostaria que tivesse deixado ligado, e me ensinado a rezar direito, principalmente a “Salve Rainha” que ainda não decorei, porém não me atrevi a falar isso. Qualquer hora eu pergunto, eu pensava.

- Vó, quero fazer xixi.
- Então vá, e não esqueça de lavar bem as mãos.
- Tá bom.

Abri a porta do banheiro (ela não rangeu), entrei, levantei o assento de madeira e enquanto fazia xixi observava as paredes com desenhos e flores pintadas. Aquilo era bonito e diferente do banheiro da minha casa. Um cheiro gostoso de lavanda ou água de colônia perfumava todo o espaço. Acho que vinha dos vidrinhos que estavam enfileirados no batente da janela.

Puxei a cordinha da descarga e fiquei vendo aquele turbilhão de água levar o meu xixi. Pra onde será que ele iria? Não lavei a mão na pia porque ela era um pouco alta para mim; preferi lavar na velha banheira de ferro fundido esmaltado, aqui e ali mostrando manchas escuras. Sinais dos tempos.

Que bonita! Eu adorava tomar banho ali e podia brincar com meu barquinho feito de casca de árvore, imitando o mar e fazendo ondas na água. Não me lembro de minha avó ter brigado comigo por causa da água que caía pra fora, aliás, não lembro de brigas; acho que é por causa disso que eu gostava tanto dela; ela compreendia as crianças, mas somente agora eu percebia como as torneiras do banheiro eram bem ariadas, parecendo ouro!

Falando do mar, eu estava com saudades de ir para Santos e brincar com o meu tio-padrinho Paulo (outro filho da minha avó). Ele me ensinou a fazer vulcão na areia, e saía até fumaça! Nunca mais esqueci.

Pendurada sobre a banheira uma grande bucha, daquelas de tomar banho, repousava, tal qual terrível e amarelada cobra dormente. Quando eu tomava banho por lá, ficava procurando as sementes que existem dentro da bucha. Na minha casa somente usavam as pequenas, que cabiam na palma da mão; nunca soube por qual motivo. Não era uma coisa cara, afinal, em todas as vendas e até na feira livre, eu via as buchas penduradas pra vender. Somente minha avó usava as grandes.

A toalha amarela, toda rendada, e com duas letras grandes enlaçadas e bordadas, (uma era V e a outra era A) estava pendurada atrás da porta e eu fiquei com medo de puxar; bati as mãos na calça mesmo, e saí, tomando cuidado para não molhar o chão, pelo menos dessa vez, afinal eu já era um “mocinho”, segundo ela comentava.

Sai de lá, e no corredor vi a estante com alguns livros de medicina do meu avô. Ele não era médico, trabalhava de maquinista nos trens – mas gostava de ler sobre medicina, de saber das doenças, das ervas, chás, dos remédios... Que ironia morreu cedo demais. Nem

esperou por mim. Que chato! A gente se daria bem... Fico imaginando quantas histórias ele teria pra contar, e dos lugares que conheceu. Eu iria na Estação da Luz com ele, e conseguiria andar de graça em todas as Marias fumaça; ele me deixaria puxar a cordinha do apito; eu queria ver todas aquelas pessoas se assustando na plataforma da estação, seria engraçado.

Quando contasse na escola, sei que meus amigos não acreditariam, mas o meu avô era importante (era?) e ninguém daria bronca na gente, nem os guardas.

... Fui logo para a cozinha.

Eu sentei primeiro e a mesa estava alta, o que prontamente ela corrigiu, colocando uma almofada feita de retalhos de pano na minha cadeira. A colcha da minha cama era igual, e também foi minha avó Virgínia quem fez. Eu não deixava ninguém dormir com a minha colcha. - Quando casar eu levarei ela embora, eu dizia pra todo mundo. Minha mãe tinha dificuldade para lavar a colcha: - Vamos acabar com isso, menino! Está suja, eu preciso lavar, ela seca logo. Que agarrção com isso! Não era com a colcha, era por ter sido feita pela minha avó, mas eu não falava nada...

...Tirou suavemente a sacolinha azul marinho que eu trazia transversalmente junto ao peito, e pendurou na guarda da cadeira. Habilmente colocou nela algumas moedas, como vim a perceber, apenas no dia seguinte.

Lá dentro eu carregava um pião de madeira, com a cordinha toda enebada de tanto brincar, algumas bolinhas de gude, meu inseparável e único carrinho de bombeiro (feito de lata), tocos de lápis de cor, e um caderno brochura com vários desenhos coloridos,

incluindo os do meu time de futebol, que eu iria mostrá-lhe, se ela quisesse ver, é lógico.

Como era alto o teto daquela cozinha! Olhando para cima eu podia ver o forro de madeira com a pintura gasta e soltando em alguns pontos, mas sem teias de aranha nos cantos. Minha avó tinha medo das aranhas, e estava sempre atenta, observando. Quando eu crescer, vou pintar o teto pra ela, eu pensava, vai ficar novinho! De qual cor vai ser? Eu não gostava mais daquele tom cinza claro, gostaria que fosse bege, ou mesmo branco, talvez rosado (que bonito!) tinha que ser um tom mais alegre.

Eu estava maravilhado.

- Ó, vó, o meu anel, a senhora viu ele?

- Eu reparei, é bonitinho; quem deu ?

- Veio junto com o doce, na caixinha-surpresa. As duas pontas abrem, e apertam, por isso serve em qualquer dedo!

- Você vai usar ele, meu bem ?

- Não vó, eu vou dar pra Marly, amanhã, no recreio da escola.

- Ela é a sua namorada ?

- Não é vó, mas um dia vai ser, eu acho ...

- Que bom, se Deus quiser ! Agora vamos tomar café ?

Num passe de mágica, vi xícaras e pires sobre a mesa, um pequeno bule com café, o açucareiro e uma jarrah de porcelana decorada com florzinhas, onde havia leite quente. A fruteira com bananas e laranjas já estava afastada, dando lugar a alguns pratos que minha avó tirou do guarda comida.

Como ela conseguiu fazer isso tudo tão rápido? Parece que sabia da minha vinda, adivinhou até o horário! Coisas de avós, só podem ser!

Deu-me um longo beijo na testa, brincou com meus cabelos fininhos, e senti sua mão trêmula. Não muito, mas eu percebi.

- A senhora está com dor no braço?

- É o reumatismo da vovó, mas não dói ...

- Depois eu vou dar um beijo no seu braço e vai sarar.

- Quem ensinou isso pra você, meu anjo ?

- Foi a senhora, não lembra? Foi quando eu ralei o joelho andando de carrinho de rolimã.

- Ah! É verdade... Então depois você dá um beijinho. Agora vamos comer senão o leite vai esfriar.

Sentou-se com dificuldade, bem à minha frente. Nossos olhares se cruzaram: ela sempre carinhosa e bondosa com todas as pessoas, e eu interessado em comer coisas diferentes e gostosas que ela teria feito especialmente para mim, seu querido neto. Talvez um bolo, biscoitinhos, quem sabe uma torta? Docinhos? Sequilhos! Sei, contudo, que ela cozinhava muito bem, suas filhas herdaram o dom, felizmente.

Não acredito que eu tivesse parado de comer para conversarmos; estava entusiasmado demais com o sabor das coisas simples e inesquecíveis que somente as vovós sabem fazer, não é o que dizem?

Talvez ela me olhasse maravilhada, como quem gostaria de dizer que ali, à sua frente, estava um prolongamento da sua vida, a continuidade... Mais uma vez as coisas seriam repassadas, e isso a deixava feliz. Eu era o depois; haveria de perpetuar e honrar a memória

dela, e de nossos antepassados importantes. Que ninguém ousasse macular o nome dos nossos parentes, de décadas e décadas atrás!

Sua vontade, eu sabia, era a de me abraçar, talvez carregar-me no colo, embalar-me (se ela tivesse forças), beijar minhas bochechas que sempre foram rosadas, ou brincar mais com meus cabelos, desde que nasci, cacheado. Eu sabia disso, podia ler nos bondosos olhos dela; olhos cor de turmalina marrom, lindos!

Eu pressentia (desde cedo eu já era sensitivo) que naquele momento ela pensava: Que o único objetivo de ser mãe na vida, é para um dia chegar a ser avó!

Tenho certeza que tudo transcorreria dessa forma, se eu tivesse 7 anos de idade e estivéssemos somente nós dois naquele momento puro, impar, inigualável, de total cumplicidade, apaixonados e felizes como eternos amantes...

Nosso diálogo seria breve, resumido a frases curtas e ditas como cochichos de enamorados:

- ...Está gostoso? ...Você comeu desse aqui?
...Quer mais um pedacinho, meu bem?

- Está... Eu comi... Obrigado vó!

- Xí... deixei cair um pouco de leite! Desc ...

- Não faz mal, depois a vovó limpa...

Então sorri meio acanhado, mostrando as duas covinhas no rosto que ela tocou suavemente... ela sempre falava delas; apenas esse seu neto possuía. Eu me achava o máximo!

- Você continua indo à missa todo domingo?

- Vou sim, vó, e depois a gente joga bola no campinho da igreja, lá é legal!

- Vó, trouxe uma coisa pra senhora. Posso dar?

- Pra vovó? O que é, meu amor?
- É segredo. Está aqui na minha sacola. Fecha os olhos, vó.

- Já fechei.

- Não vale olhar! Abra a mão que eu vou colocar.

- Estou curiosa... (como boa aquariana que era)

- Pronto. Pode abrir.

Um pedaço de papel na cor palha, daqueles utilizados nas padarias de antigamente, bem dobrado, embrulhando algum outro papel, parecendo um cartãozinho. Coisa delicada, tal o cuidado com que foi entregue, e ela prontamente abriu.

- Que lindo! Um santinho de Santo Antonio, bem pequenininho! Onde você conseguiu ele?

- Foi na aula de catecismo. Eu ganhei um e pedi outro pra freira; falei que eu daria pra minha avó.

- E ela não ficou brava?

- Comigo? Lógico que não, ela gosta de mim porque eu respondo a todas as perguntas na aula; então ela deu mais um, beijou a minha testa e quis saber o seu nome, dizendo: – Que Deus a abençoe.

- Santo Antonio de Pádua é o santo mais popular na cultura brasileira, é o santo que protege toda a família. A vovó vai guardar junto do livrinho de orações. Que lindo! Muito obrigada!

- De nada vó. Não dá pra ninguém, ele é só seu. Quando a senhora olhar nele, eu vou estar pensando na senhora, prometo!

- Que lindo! Você é um doce de menino! - Não se esqueça de rezar, porque logo mais você vai fazer a primeira comunhão.

- Ta bom, vó. A senhora já terminou de costurar a minha roupa?

- Está quase no fim, falta apenas pregar os botões e engomar a camisa.

- Posso levar os biscoitos pro lanche da escola? Posso, vó ?

- Claro, meu querido, coloque mais, que a vovó vai embrulhar num guarda-napinho, depois você devolve.

- Sim senhora, eu não vou perder ele.

- Vó, conta uma história...

- Qual você quer ouvir, meu amor?

- Aquela do foguinho, na igreja... Lembra?

- Como vou esquecer? Aconteceu mesmo, foi com a minha mãe, a sua bisavó.

- A Dona Josefa, né?

- Ela mesma.

- Então fala, vó, quero lembrar e contar aos meus amigos.

- Acho que você vai ser escritor, de tanto que gosta de histórias...

- Só Deus sabe, vó.

- Foi assim: Nós morávamos na Rua da Boa Morte, no pedaço entre as igrejas do Carmo e da Boa Morte, pertinho da Praça da Sé. Uma rua cheia de crianças, e a vovó brincou muito por lá, quantas saudades! E num final de tarde, minha mãe foi até a Igreja da Boa Morte para rezar, como fazia diariamente, apenas algumas orações, mas com o fervor que caracterizava a nossa família onde muitos homens se tornaram padres e até mesmo bispo, o meu tio Dom Antonio Cândido de Alvarenga...

Pois bem, ela entrou na igreja, rezou e resolveu acender uma velinha para a alma do escravo Chaguinhas, injustiçado e morto na forca (isso é outra história).

- É a do laço da forca que quebrou, né?

- Isso mesmo. Você lembra, hein!

Olhou para o pequeno altar e não havia velas acesas naquela tarde, ou as poucas estavam apagadas por causa do vento. Dona Josefa não possuía fósforo naquela hora, pois saiu de casa levando apenas a vela. Parece que estava ameaçando chuva e minha mãe precisava voltar logo, deixou toda a criançada lá, inclusive eu, e não conseguiria acender a velinha! Que pena!

Ninguém mais na pequena igreja; a sacristia fechada. Somente minha mãe na igreja. Foi então que ela pediu com tanta tanta fé, e de repente olhando para o chão, no cantinho, junto à parede, saía um fogueiro. Coisa pequena, mas era fogo.

O que ela fez? Abaixou, acendeu ali a sua velinha, colocou junto a um altar, fez o sinal da cruz, e saiu rapidamente de lá, com as pernas bambas, não de medo, mas de emoção... Juro que é verdade!

- Eu acredito na senhora vó! Que bonito que foi. É a fé, né vó?

- A fé, meu filhinho, apenas a fé.

Muito silêncio, num ambiente quieto, pobre e decorado com flores e plantas simples crescendo em coloridas latas caducas. Cortinas brancas e rendadas escondiam a desgastada janela com um vidro trincado que ela nunca trocava – por quê? E um quadro antigo, pendurado alto, um pouquinho torto, mostrando várias pessoas desconhecidas, sentadas, e indecifráveis para a minha precoce curiosidade, completariam o cenário, além do piso pouco encerado e gasto pelos andares da vida.

Uma passadeira xadrez de linóleo, rente ao fogão, talvez encobrisse algum buraco, ou estaria ali apenas para decoração?

Não sei por que, mas a claridade na cozinha seria pouca, talvez prenúncio da tarde morredoura... A porta aberta para o quintal deixava entrar as derradeiras luzes do dia, e perto dela havia um relógio antigo, mas estava parado. Estaria quebrado, ou cansou de registrar o compasso do tempo e seus percalços?

Hoje eu ainda não tinha ido até o quintal. Muitas coisas diferentes haviam por lá, e o espaço se tornava um paraíso para as minhas brincadeiras.

O primeiro detalhe a observar era a marca do chão queimado, quando a gente fazia festa junina e não deixava faltar a fogueira. Meu pai adorava essas festas, e organizava tudo. Que saudades! Minhas tias traziam os doces. Muitos deles, principalmente Maria mole, canjica e arroz doce.

Um telheiro protegia o velho e carcomido tanque de pedra. Varais diversos continuavam espalhados, mesmo que agora quase não mostrassem mais suas roupas desfraldadas, tal qual outrora. Eu pegava as taquaras encostadas no muro, e brincava com elas, como se fossem aquelas lanças antigas dos intrépidos cavaleiros medievais que eu via nas revistas, lá no Liceu. Fincava as taquaras no chão, pulava gritando qualquer coisa (que a memória já roubou) e descalço eu me jogava no fofo e pequeno gramado. Ah! Aquele gramado... quantos bichos diferentes ele escondia, e minha avó pedia para que os deixássemos em paz. Não era permitido matar nada. Aí ela ficava brava! (consciência ecológica já naquela época? Quanta sapiência para pouca cultura...).

Acredito que no íntimo, os bichos do quintal sabiam disso, e abusavam da inocência da vovó, transformando aquele reduto no habitat ideal: besouros, aranhas, formigas, taturanas, gafanhotos, borboletas, tatuzinhos, lesmas, abelhas, lacraias, baratas, todos chegavam para a festa; não imagino onde encontravam alimento suficiente. Se atacavam? Se predavam? Ou viviam coletivamente? Assuntos para minha pesquisa futura!

Festa às vezes interrompida pela atitude curiosa e caçadora do gato, que a tudo via (quando queria ver, mas em sua eterna sabedoria preferia mais os confortos quentes da cozinha, os arredores dos pés da dona Virgínia, ou o descanso de intermináveis horas em sua almofada de couro, especialmente feita por ela). Olhava com ar de desdém para os pobres, minúsculos, e insignificantes bichos. Somente se aventurava atrás dos pardais, bem-te-vis, e sabiás, contra os quais era rápido e certo em sua arisca pegada. Vacilassem pra ver, e não retornariam aos ninhos, nunca mais!

Não sei se Tico, o gato, era seu companheiro, amigo, fiel escudeiro, defensor, confidente, ou ela, tudo isso dele. A dúvida jamais será esclarecida. É fato, sabido de todos os familiares e até mesmo dos vizinhos, que eles se comunicavam, mesmo que através dos olhares, quantos estavam sós. Hoje, tínhamos a certeza de que quando um partisse o outro iria na sequência. A morte de meu avô foi um descanso; contudo, a ausência de parte dessa dupla seria terminal. Quem ficasse não resistiria aos soturnos dias de vindoura solidão.

Eu sabia que tinha de tomar cuidado com a pilha de tijolos e telhas, porque atrás delas poderia haver

aranhas mais bravas e também escorpiões. Eu não mexia lá.

Garrafas e latas encostadas perto das madeiras também repousavam eternamente desde o princípio dos tempos, pensava eu. Coisas que meu avô cuidava e utilizava, reaproveitando, mas depois da sua morte tudo permaneceu intacto, como que sepultado. E o verde rasteiro imediatamente se aproveitava e apropriara das tranqueiras, espalhando seus tentáculos, tornando-as substrato. Cogumelos parecendo chapeuzinhos surgiam após os intermináveis dias garoentos; fungos e líquens eram *habitués* das cascas mais cascudas.

Um velho abacateiro rente ao muro dos fundos, sempre carregado (para alegria da vizinhança), hospedava orquídeas multicoloridas que se alimentavam dos fungos abundantes por lá. Eram as plantas chamadas de “parasitas” que meu avô pacientemente cuidava. Ele se foi. Elas continuaram a vicejar, como que alegrando os dias silenciosos da minha avó. Nada era preciso fazer por elas. Floresciam pontualmente a cada ano, sabendo dividir água, sombra, sol, espaço e alimento. Sábias epífitas hermafroditas, das quais tanto aprendi a cultivar e amar.

Algumas madeiras mais novas eu guardava e usava para fazer o que chamava de “cabana”. Pequena casinha, com espaço para mim e alguns brinquedos. Construía a cabana encostada no abacateiro, e mesmo nos dias de chuva (não fortes) ela resistia... Eu era bom naquilo! E minha avó não se importava, ao contrário, dizia que quando crescesse eu seria engenheiro, um engenheiro de mão cheia!

Eu ainda não havia parado para divagar sobre o meu futuro, meu crescimento, minha profissão... sei lá,

naqueles dias - maravilhosos dias - eu queria era brincar, me divertir até não poder mais, prenunciando, ainda tenramente, que as alegres estações da infância nunca mais voltariam, e para não sentir saudades das Primaveras, lá ia eu, pra cima e pra baixo, sempre carregando minha sacola com as coisas. Tudo era motivo para diversão. Qualquer bola atraía, divertia e distraía, como dizia o “poeta”:

...bolas de crianças pobres,
encanto da garotada.
Bola que jogávamos antes da aula,
e depois da escola...
Bastava rolar para ser bola.
De dia,
de noite,
(na tarde poente),
no campo gramado,
na quadra de cimento,
na rua vazia,
no terreno barrento.
Em qualquer canto,
a qualquer hora,
com qualquer tempo...

A proximidade entre as nossas casas e a ausência de perigos fazia com que minha mãe me deixasse perambular por lá. Aliás, bandos de crianças povoavam todos os espaços do bairro. Querer impedir suas/nossas andanças e ações era praticamente impossível. Escondê-los em casa era coisa mais difícil ainda. Éramos todos rueiros, desde o surgimento da Aurora! Estava no nosso sangue forte, vermelhão.

– Que os anjos da guarda vigiem nossas crianças...! Era o que mais se escutava falar pelas ruas.

- Hoje eu pego ele! ... Não escapa de mim!

Mentira. Só se fosse para pegar no colo, agachar perto dos mais velhos, passar a mão nos cabelos engordurados, emaranhados e desgrenhados. Cheirar aquele corpo suado e sujinho, unhas pretas, de bochechas esfogueadas, e ao mesmo tempo identificar nele o fantástico perfume da sua cria...

Os verdadeiros “Senhores da Terra” voltavam das batalhas!

Eu estudava direitinho (como todo bom libriano), porém apenas o necessário para não tomar broncas.

Já sabia ler, e isso sim, me deixava maravilhado, aguçando minha curiosidade para muitos assuntos, de modo especial, quando eles envolviam os bichos e as plantas. Meus irmãos mais velhos, e principalmente a minha irmã, eram inteligentes, eu pensava. Pena que não tinham muito tempo para comigo, o caçula da família. Mesmo assim eu aprendia, e falava coisas pra eles. Acho que sempre fui muito falador. Desculpe se às vezes eu falo muito, não é por mal...

... Estar no quintal significava também acessar um pedaço do muro e espiar do outro lado para ver se a Cecília estava lá; a menina vizinha, com 6 anos. Ela ainda não ia à escola. No próximo ano sim, e aí todos iriam ver aqueles olhos azuis lindos! Eu não conhecia mais nenhuma criança com olhos azuis. Fico pensando: Se eu tivesse os olhos dessa cor, ou verdes, muitas meninas olhariam para mim, seria um sucesso na rua onde moro e também na escola. Nasceram meninos com olhos azuis? Preciso tirar essa dúvida quando chegar em casa. Minha

mãe sabe das coisas; ela me ensina os deveres da escola – é um pouco exigente – mas eu adoro ela! Não existe outra igual!

Ah! Ia esquecendo, o pai da Cecília era carteiro. Pedia e ganhava muitos envelopes com os selos postais e a menina os colecionava.

Eu achava aquilo bonito; parece que dava pra viajar em cada colorido pedacinho daqueles. Vi uma vez o monte de selos que a Cecília tinha guardado numa caixa de sapatos, e logo de cara gostei. Ela queria me dar alguns repetidos, mas na minha casa ninguém escrevia ou recebia cartas; como eu faria? Acho que não daria certo querer colecionar selos... Que pena, acho que poderia ser divertido e eu aprenderia coisas de outros lugares. Um dia, quando eu fosse grande, quem sabe, me aventuraria por nesse mundo. Será que a Cecília me esperaria pra gente poder trocar alguns? Qualquer hora, quando eu espiar pelo muro e vê-la do outro lado, vou perguntar.

Cheguei a escutar algumas vezes que era preciso fazer uma boa faxina no quintal. ... Estavam aparecendo bichos, e o espaço poderia ser mais bem aproveitado, mas eu pensava: melhor aproveitado pra quê? Fazer um banheiro nos fundos? Dois banheiros para uma pessoa? Fazer uma casinha lá atrás... Uma casinha para...? Não tinha sido feita até hoje, então não seria agora o momento.

Deixassem as coisas em paz, era gostoso do jeito que estava, eu queria assim, mesmo que poucas vezes tivesse companhias para brincar. Não fazia mal, eu inventava as minhas historinhas e meus amigos invisíveis... E nos encontrávamos periodicamente no quintal, mas hoje não. Eu passei rapidamente pela Rua da Consolação, com fome, e resolvi dar uma parada,

pensando mais no café... no santinho, e no beijo pra minha avó. Juro! É verdade!

... Uma sinuosa fumacinha saía do caldeirão grande e amassadinho, embalado pela cadência do velho fogão à lenha. Tenho quase certeza que era sopa. Aprendi com ela a gostar de sopas. Qualquer tipo.

A torneira da pia pingava, pingava, pingava sem fazer barulho. De tanto que pingou deixou marca preta perto do ralinho. A vida também será assim? De tanto insistirmos, deixaremos nossas marcas em meio à multidão? Seremos fortes e corajosos o suficiente para conseguir esse feito? Já tenho minhas dúvidas.

De repente senti um cheiro de solidão.

Acho que tudo ficou mais triste depois que meu avô morreu (eu não o conheci). Essas coisas ninguém conversava comigo, que chato! Eu tinha o direito de saber.

Fiquei com pena da minha avó; acho que eu deveria vir mais vezes pra ficar com ela, pedir pra me contar aquelas histórias que somente ela sabia, e que eu tanto gostava; nem as de terror me davam medo. Eu voltava pensativo pra casa, mas logo queria escutar outra vez, e perguntar detalhes pra recontar lá na minha escola.

Pouca gente vem pra conversar com ela: quase todos são grandes, trabalham, tem família, as crianças... tanta coisa pra fazer, e esquecem dela. Vovó Virgínia não sai muito de casa (acho que ela tem problemas para andar). Que pena, não tem quase ninguém pra brincar com ela. É por isso que eu sempre desvio um pouco do meu caminho e corro pra cá. Quando minha mãe me deixa almoçar e passar a tarde aqui, então é a glória! Tem

até um cantinho pra dormir, mas eu prefiro ficar com ela, ajudando nas coisas, ou então no quintal.

Sob a mesa, o pequeno gato de cor rajada cochilava atento, (isso era possível, afinal, os gatos não dormem!) todo esparramado com uma pata esticada prendendo o pé de chinelo feito de flanela xadrez, quase já sem solado. Meus pés, agora descalços e balançando embaixo da mesa, não eram ameaçadores; o gato pressentia isso, pois sabia que eu estava feliz! Ele também!

Eu tinha o hábito de andar descalço na casa da minha avó (que minha mãe não saiba isso! Por favor, não conte!) e antes de ir embora lavava os pés na banheira. Esse era um segredo nosso. Minha avó deixava, aliás ela dizia que – Sempre andei descalça quando criança... o chão da nossa casa era de terra batida, e nunca fiquei doente por causa disso... nem minhas filhas!

Abaixei as alças do suspensório para ficar mais à vontade, livre e solto, da forma que eu gostava. Agora ninguém me repreendia ou olhava feio.

O tempo parou para nós. Para nós três.

Quanto conversamos, apenas em pensamentos!

Quanta intimidade e amor rechearam aquele feliz momento!

Você não imagina!

Infelizmente minha avó Virgínia se foi. Não tivemos sequer tempo de nos despedir. Isso foi injustiça. A casa, como já disse, foi demolida. Fotos, móveis e outras recordações se perderam. O abacateiro foi cortado, o gato desapareceu, os bichos do jardim mudaram para bem longe (fora da nossa proteção), as

orquídeas não florescem mais, os vizinhos foram esquecidos, e nessa confusão toda, eu cheguei tarde para o café... Cheguei muito tarde, com mais de 70 anos de atraso!

Não consegui saborear nada disso. Tremenda injustiça, Por quê?

Eu não tive culpa, juro por Deus!

Agora já é noite plena, com muitas estrelas (engraçado, mas são muitas, mesmo) e todo esse conjunto se diluiu no tempo; não resistiu, esvaiu-se, não pode mais ser recomposto e não pôde esperar por mim, que pena!

Levanto da cadeira, sacudo os farelos da calça (agora comprida e sem suspensórios), limpo a boca com a mão mesmo, pego a minha sacola (agora mochila, sem cadernos, bolinhas, peão, carrinho, ou lápis de cor) passo a mão nos cabelos (agora grisalhos), e saio da lanchonete quase choramingando... (não espalhem, mas estava mesmo). Olho para trás, sem fixar-me no intruso imóvel que agora ocupa o terreno.

Respiro fundo, duas vezes, e não sinto mais o cheiro das primícias da minha fantástica e riquíssima vidinha de moleque. Apenas o inebriante perfume da árvore “dama da noite” se faz presente, torturando minha memória com outras lembranças.

Quase tropecei na calçada esburacada, mas não disse palavra. Hoje não.

De alguma forma essas doces “recordações” não me fizeram bem. Estou triste e não quero chegar logo na minha estranha casa; preciso andar um pouco por aí, sem rumo, sei lá...

- Tchau vó! Muito obrigado pelo maravilhoso e inesquecível café com todas as coisas gostosas que a senhora sempre fez pra mim ...

- Qualquer hora eu volto pra experimentar minha roupa, escutar mais histórias, mostrar meus desenhos, comer mais bolo de chocolate (o melhor do mundo!) e brincar no “meu” quintal.

Vou trazer a bola pequena e dois amigos; posso né? ...Sei que a senhora deixa.

- Esta noite eu rezarei pra senhora melhorar do “rematrismo”.

- Me espere, e desculpe pelo atraso; foi sem querer! Fique com Deus !

Do fundo do coração, seu saudoso neto,

Nelsinho.

P.S.

Um carinho gostoso em seu rosto molhado, e um longo beijo... Mas somente pra senhora, vó !

E.T. Não tive a intenção de deixá-lo ou deixá-la triste, acredite, mas sim de alertá-lo(a) para aproveitar o tempo com seus avós. Isso não tem preço! Um dia, a saudade poderá cobrar-lhe; aí, você não terá como pagar... E isso vai doer...



Benedicto Nepomuceno

Thereza

Ana Luíza

Maria Eduarda

Paula

“De um lado ao outro, a vida pulsa...”

*Esta foto equivale a uma obra do Sebastião Salgado!
Um dos instantâneos mais lindos que já vi.*

*Não farei comentários sobre ela.
Interprete-a você mesmo.
Se não souber fazer isso, aprenda; vai valer a pena.
Esta foto precisa ser vista nos detalhes.
Tudo o que está nela não é por acaso.
Felicíssimo momento da minha amiga
Idalina Nepomuceno,
(avó das meninas, e filha do casal) que os fotografou.*

Salesópolis – SP

